

Guia de Estudos:
**Comitê Executivo dos Estados Unidos da América (ExComm). Crise
dos Mísseis (16-28 outubro de 1962)**

Diretora

Ana Caroline Medeiros Maia

Assistentes

Bruna Letícia Nascimento Rodrigues
Daniel Monteiro Ramalho Poltronieri Martins

Carta de Apresentação

Prezados delegados,

Bem-vindos ao 9º MINI-ONU! Meu nome é Ana Caroline Medeiros Maia, estou no sexto período de Relações Internacionais pela PUC MINAS e essa é minha quarta participação no modelo. Já fui delegada, voluntária, diretora assistente e agora serei a diretora de vocês nessa edição. É com grande satisfação que dirijo o Comitê Executivo dos Estados Unidos da América (ExComm). Sempre tive interesse em assuntos relacionados à segurança internacional, e a Crise dos Mísseis, na minha opinião, constitui um dos eventos mais interessantes já estudados.

Ainda, por também possuir interesse pela política externa dos Estados Unidos, decidi criar o ExComm, que reúne essas minhas duas áreas de interesse. Acredito que o Comitê poderá introduzir discussões extremamente calorosas e produtivas, afinal, os senhores possuem o poder de decidir sobre o rumo da humanidade! Logo, espero que todos se esforcem muito para a produção dos trabalhos, pois eu, juntamente com meus dois assistentes, Bruna e Daniel, estou me empenhando muito para que esse Comitê seja inesquecível. Ainda, devo meus agradecimentos à minha colega Raquel de Bessa, que esteve junto comigo ao longo dessa caminhada, e irá dirigir o Gabinete Soviético, com o qual o ExComm irá possuir uma interdependência ao longo dos dias de simulação.

Assim, apresento-lhes meus diretores assistentes, a quem agradeço muito pelo trabalho e dedicação.

Meu nome é Bruna Letícia Nascimento Rodrigues, estou no sexto período em Relações Internacionais pela PUC Minas e no quinto em Direito pela UFMG. Minha participação no 9º MINI-ONU representa a terceira vez que me engajo no projeto, sendo a segunda como membro do staff. Dessa vez, como diretora assistente, pretendo auxiliar nos debates e ajudar no que for preciso para o bom funcionamento do comitê. Acredito que o MINI ONU é uma iniciativa muito importante e interessante, tanto para os alunos do ensino médio, que de fato irão desenvolver suas capacidades argumentativas, quanto para os do ensino superior. Nós, ao escrevermos o guia e

participarmos dos debates, guiando-os, aprendemos muito também. Espero que a participação de vocês no ExComm seja realmente marcante e que atinja todas as suas expectativas. Desejo um excelente debate e digo que trabalharemos com afinco para que ele seja o melhor possível.

Prezados Delegados, é com imensa satisfação que dou a vossas Excelências as boas vindas ao ExComm, nosso fórum de debate durante o 9º MINI-ONU. Eu, Daniel Monteiro Ramalho Poltronieri Martins, do 4º período do curso de Relações Internacionais, apresento um interesse particular na área de Segurança e Conflitos Internacionais, especificamente no que se refere aos mecanismos de uso da força para fins políticos e sua aplicação. Espero ousadia, dedicação, e responsabilidade da parte dos Senhores Delegados, no intuito de juntos, produzirmos um ambiente agradável e concluirmos nosso objetivo.

Assim, eu, Ana Caroline, juntamente com meus assistentes, agradecemos aos senhores delegados pela escolha de participarem no ExComm. Estamos trabalhando com muito empenho para que as expectativas de todos sejam atendidas. E mais, preparem-se para as intensas discussões do 9º MINI-ONU. Vejo vocês em outubro!

Cordialmente,

Ana Caroline Medeiros Maia
anakrolmm@hotmail.com

1. Introdução

As duas maiores potências da Terra estiveram a ponto de mergulhar no precipício sem fim, puxando com elas todos os povos que presenciaram seu atemorizante duelo. O indizível desfecho de um possível enfrentamento armado entre os Estados Unidos e a União Soviética foi miraculosamente impedido, graças aos resquícios de humanidade que ainda sobrevivem em seus líderes superpoderosos – e, vale lembrar, graças também a uma certa dose de sorte. No apagar das luzes, John Kennedy e Nikita Krushev, os homens que controlam os destinos do mundo, sentiram as repercussões de sua perigosa dança, seguiram suas emoções mais terrenas e deram um passo atrás. A partir de agora, todos se perguntam: a marcha para a perdição continuará? Os arquiinimigos ouvirão as sirenes de emergência ou continuarão bailando ao

som grave de seus monstruosos arsenais? Talvez o mundo seja outro a partir deste outubro de 1962 (VEJA, 1962).

Esse trecho publicado na Revista VEJA, no ano de 1962, mostra a importância do evento conhecido como a Crise dos mísseis em Cuba. Não há dúvidas de que esse evento entrou para a história da humanidade, pois foi quando as duas potências que emergiram da Segunda Guerra Mundial – Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – estiveram mais próximas de uma confrontação nuclear. Se isso realmente acontecesse, teria impactos avassaladores e destrutivos em todo o mundo.

A tensão produzida entre os dois blocos foi um exemplar único e valioso de barganha política e da possibilidade de escalada de conflitos. Durante a segunda metade do mês de outubro, os dois blocos se mobilizaram, buscando soluções que impedissem o pior resultado, a guerra nuclear, mas que também assegurassem os interesses particulares. Notadamente, nenhum dos dois lados aceitaria ter uma imagem de fraqueza, o que poderia incentivar o oponente a adotar uma postura mais beligerante e ofensiva. Por isso, as duas superpotências prezaram pela necessidade de equilíbrio de forças para a manutenção da bipolaridade.

Ao longo de 13 dias as negociações oscilaram em termos pacificadores ou beligerantes, refletindo, em certa medida, conflitos internos aos dois grupos decisórios. Os custos, tanto para os EUA quanto para a URSS, poderiam ser demasiadamente altos, levando à necessidade de ponderação por ambas as partes. É esse acontecimento que será simulado durante os dias do IX MINI-ONU. O ExComm deverá decidir sobre o que fazer com a descoberta de que a União Soviética está construindo bases de mísseis em Cuba, que representam uma grande ameaça à vida dos cidadãos e à segurança dos Estados Unidos da América.

2. O contexto da Crise

Para se entender a dinâmica da Crise dos Mísseis, é de fundamental importância compreender o contexto histórico no qual ela se desenvolveu. Ao fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Europa estava devastada pelos efeitos dos esforços de

guerra, e os antigos líderes do sistema eram incapazes de se impor novamente. Nesse cenário, os Estados Unidos encontraram uma conjuntura favorável ao seu desenvolvimento, e o país rapidamente assumiu a liderança internacional, posição que foi fortalecida pelo monopólio da tecnologia bélica nuclear.

Essa posição de potência, assumida pelos EUA, se deveu em grande parte ao importante papel que o mesmo desempenhou durante e após o conflito mundial. A entrada dos EUA na Guerra, em 1941, após o ataque japonês a Pearl Harbor, teve um impacto decisivo nos rumos que o conflito iria assumir, como afirma Arcanjo:

Um fato que contribuiu para mudar os rumos da guerra foi a entrada dos Estados Unidos no conflito, ao lado das forças aliadas. (...) Os EUA declaram guerra às potências do Eixo. A entrada da maior potência industrial do mundo na guerra significou um gigantesco aumento do poder de fogo das forças aliadas. (ARCANJO, 2005)

Dessa forma, as forças aliadas passaram a contar com a importante presença dos EUA no conflito, que incluía também Inglaterra, França e União Soviética. As batalhas que se seguiram impactaram decisivamente no resultado da Guerra que, ao final, só tinha o Japão como força resistente. Assim, somente após a detonação das bombas nucleares de Hiroshima e Nagasaki é que a guerra teve fim.

Os acordos de paz ao fim da Segunda Grande Guerra seguiram, principalmente, os interesses de três países: EUA, Inglaterra e União Soviética, representados respectivamente por Roosevelt e depois por Truman, Churchill e Stalin. Com as Conferências de Ialta e Potsdam, ambas em 1945, o mundo foi dividido em zonas de influência, o que teria um grande impacto na dinâmica da Guerra Fria. A Alemanha foi dividida em quatro zonas de influência: americana, britânica, soviética e francesa (NETTO, 2007), enquanto sua capital, Berlim, em uma zona de influência norte-americana e uma soviética.

Ainda, a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), que tinha como objetivo promover a paz e a segurança internacional, foi um importante marco dessas Conferências. Dessa forma, foi nesse contexto que a Guerra Fria teve seu início.

2.1. A Guerra Fria

A guerra fria tem seu início marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, quando os EUA emergem do cenário mundial como a única grande potência que se envolveu seriamente no conflito e não teve seu território arrasado pela destruição. Naquele momento os EUA desenvolvem uma doutrina estratégica global, independente de seus aliados, baseada na crença de sua superioridade tecnológica e na certeza de ser a única potência detentora da bomba atômica. (DOLCE, [s.d.])

No final da década de 1940, a conjuntura internacional aparentemente pacífica foi perturbada por um ator emergente: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Os primeiros indícios de tensão da Guerra Fria ocorreram em 1948, quando Stalin, ditador soviético, impôs um bloqueio parcial a Berlim. O bloqueio cessou em maio de 1949. Nesse ano, entretanto, a Guerra Fria teve seu maior impulso, quando, em agosto, a URSS detonou seu primeiro teste de bomba nuclear. Apesar de haver extensos debates quanto à data apropriada para a demarcação do início da Guerra Fria, pode-se afirmar que, a partir desse evento, foi lançada a principal problemática do período que durou até o fim da década de 1980, qual seja: a possibilidade de um conflito nuclear de dimensões globais, com conseqüências dramáticas mútuas.

A Guerra Fria teve uma dinâmica muito específica, marcada pela intensa oposição entre EUA, que liderava o bloco capitalista, e URSS, que representava a “ameaça comunista”. O embate entre os lados era basicamente ideológico, e tanto EUA quanto URSS possuíam uma postura intervencionista, em escala global. Os países possuíam zonas de influência sobre as quais pretendiam projetar seu poder. Os conflitos eram indiretos, ou seja, as grandes potências da época nunca se enfrentaram, somente forneciam apoio militar a seus aliados, entre os quais as batalhas eram realmente travadas. Assim, Munhoz (2004) resume de maneira fidedigna em quê consistiu a Guerra Fria:

Durante o período da Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética rivalizaram-se na busca da consolidação dos seus diferentes projetos políticos. A Europa constituiu-se no primeiro cenário desse longo confronto. Por um lado, a Guerra Fria significou a intensificação de conflitos, em escala planetária. Por outro, ela produziu, após certa exacerbação inicial, certa estabilidade, além de padrões toleráveis e previsíveis de confronto. As duas nações enfrentavam-se através de “satélites”, mas, ao mesmo tempo, impediam que guerras regionais escapassem ao controle e se transformassem em conflitos de dimensões mundiais. É bastante verossímil a imagem do mundo bipolarizado, porém, como é possível observar na literatura especializada, o processo jamais foi estático. (MUNHOZ, 2004).

Nesse contexto, a intenção norte-americana era conter o “perigo vermelho”, ou melhor, impedir o avanço do comunismo. Para tal, em 1947, os EUA lançam a “Doutrina Truman”, que visava combater a ameaça comunista em todo o mundo. Ainda, para impedir o avanço da influência soviética na Europa Ocidental, os EUA criaram o Plano Marshall, que tinha por objetivo conceder auxílio aos países europeus, para a reconstrução destes após a devastação decorrente da Segunda Guerra. Além disso, os EUA visaram produzir uma frente de contenção da URSS, cujo principal baluarte seria a Alemanha Ocidental, fruto da unificação das zonas de influência americana, inglesa e francesa. Esta unificação, acordada em dezembro de 1947, produziu forte reação por parte do governo soviético, que percebia nessa medida uma ameaça à manutenção da Alemanha Oriental. Destarte, em junho de 1948, foi declarado o bloqueio a Berlim Ocidental, em que foram impedidas todas as vias terrestres de comunicação da Alemanha Ocidental com a Berlim capitalista. Esta foi a primeira grande crise da Guerra Fria, e, a partir de então, houve o acirramento da dinâmica bipolar. Em 1961, foi construído o Muro de Berlim, que, por fim, impôs uma barreira entre os mundos ocidental e oriental, bloqueando, assim, a “última fronteira indefinida entre Oriente e Ocidente na Europa” (HOBSEAWM, 2001, p. 240).

O bloqueio foi suspenso em maio de 1949, devido à persistência dos EUA de manterem os fluxos para sua zona de ocupação em Berlim por vias aéreas, o que minou os efeitos do bloqueio e deixou claro que a potência ocidental não aceitaria medidas similares por parte do oponente no futuro. No contexto dessa primeira crise, foi criada a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que se tornou a expressão central do bloco capitalista ao longo do conflito. Outro importante evento de 1949 foi a detonação do primeiro teste nuclear por parte da URSS, antes do que o esperado, dando início ao balanceamento pelo medo da eclosão de uma guerra nuclear. Posteriormente, os EUA montaram uma base militar na Turquia, implantando ali mísseis balísticos de alcance intermediário. Esses mísseis foram percebidos como forte ameaça pelos soviéticos.

Ainda, nesse contexto da Guerra Fria, Berlim era um ícone da tensão existente entre os blocos. Desde 1958, a situação gerava desconforto, pois o Primeiro-Ministro soviético pressionava os EUA para a retirada das Forças Armadas norte-americanas de

Berlim, recebendo como resposta uma posição irreduzível do oponente. Tatu (1970) sugere que Krushchev visava, através de uma inversão da balança de poder com os mísseis em território cubano, produzir pressão suficiente para obter um resultado favorável na questão alemã. Ou seja, os mísseis em Cuba seriam uma moeda de barganha, em que a URSS poderia dizer que somente os retiraria caso os EUA retirassem suas Forças Armadas da capital alemã.

2.2. Revolução Cubana

As transformações ocorridas em Cuba durante os anos anteriores à Crise também são fundamentais para que se entenda as razões pelas quais os mísseis foram implementados no país.

Cuba conquistou sua independência da Espanha apenas em 1898. Nessa luta pela independência, a ilha sofreu duro combate dos espanhóis e, aproximando-se o fim da guerra, ocorreu a intervenção dos EUA, que se posicionou a favor dos cubanos. A partir daí, Cuba inicia uma nova etapa de subordinação política e econômica, mas agora sob tutela norte-americana. Pela Emenda Platt, uma emenda à constituição de Cuba de 1891, ficava estabelecida a legitimidade de qualquer intervenção militar ou política dos EUA no interior da ilha e seu controle sobre a exportação açucareira cubana, uma das mais elevadas do mundo naquele período (AQUINO, 2003).

Nos anos seguintes a intervenção norte-americana tornou-se cada vez mais presente, manipulando até mesmo os governantes de Cuba, que muitas vezes se manifestavam como governos “fantoques” dos EUA. O domínio norte-americano sobre a ilha durou até 1959. A população cubana se encontrava cada vez mais subjugada e empobrecida, enquanto os estadunidenses controlavam seus setores econômicos mais importantes como a exportação do açúcar e o turismo. Um desses governos “fantoques” foi o de Fulgêncio Batista, que ocupou a presidência em dois momentos: 1940-1944 e 1952-1959. Batista se tornou um opressivo ditador e um corrupto de primeira, levando a população cubana a crescentemente se opor ao seu governo. Entretanto, todo e qualquer movimento contrário ao seu regime, mesmo que fosse um movimento democrático, era desmantelado e duramente oprimido.

Sendo assim, para os opositoristas, dentre eles Fidel Castro, ficou clara a impossibilidade de se derrubar o governo de Batista por meio de vias democráticas. Tal ação, pensavam eles, ocorreria apenas por meio da luta armada. De tal forma, Fidel inicia sua luta contra o governo de Batista em 1953, mas foi somente em 1959 que o grupo de revolucionários, que incluía Fidel Castro, seu irmão Raul Castro, Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos consegue tomar o poder, colocando fim ao período ditatorial de Batista.

As medidas adotadas pelo novo governo, tais como nacionalização das empresas estrangeiras, restabelecimento das relações diplomáticas com a União Soviética (URSS) e reforma agrária contrariavam diretamente os interesses norte-americanos. Cabe ressaltar que, ao reatar relações com a URSS, Cuba, entretanto, não se posicionava pró-comunista, ao contrário, se manteve neutra frente à disputa ideológica EUA-URSS.

Essa neutralidade incomodou os EUA, que se viram ameaçados e cancelaram suas importações de açúcar cubano. Além disso, os EUA programaram a invasão de Cuba pela baía dos Porcos (próxima a Havana). Porém, tal invasão foi rechaçada pela atitude imponente de Fidel Castro frente à população cubana, liderando-a de forma decisiva. Na tentativa de se libertar da pressão exercida pelos EUA, que haviam cortado suas importações de açúcar cubano, a ilha se declarou oficialmente comunista, obtendo a ajuda militar, econômica e técnica da URSS (apesar de que nem Fidel, nem qualquer um de seus companheiros revolucionários, inicialmente, se diziam simpáticos à tradição marxista - Hobsbawm, 2001).

Não é difícil perceber que os EUA se sentiram muito ameaçados com o estabelecimento de um regime comunista muito próximo ao seu território, metaforicamente, no seu “quintal”. Dessa forma, a ilha sofreu constantes ataques norte-americanos, culminando no episódio da Crise dos Mísseis (1962). Tal episódio marcou as relações internacionais, representando o ápice da escalada da Guerra Fria, e mostrou claramente o comprometimento de ambas as partes, tanto URSS quanto EUA, em suas ameaças de ataque um ao outro.

Portanto, a crise foi a representação da intensa corrida armamentista, na qual a URSS colocou mísseis nucleares no território cubano, apontados para os EUA. O

mundo, nesse período, viveu treze dias de muito medo e pavor, visto que se havia a sensação de que a qualquer momento a 3ª. Guerra Mundial poderia ser instaurada.

2.3. A Crise dos Mísseis em Cuba

Desde o início de 1962, a URSS aumentou o envio de carregamentos bélicos para Cuba, o que era de conhecimento geral. Entretanto, apesar das hipóteses de que esses carregamentos poderiam envolver armamentos nucleares, não havia motivos reais para se crer que de fato o governo soviético estivesse dando início a um empreendimento tão arriscado, que ampliaria enormemente a tensão para a escalada do conflito. Até então, a URSS não havia instalado mísseis em nenhum local fora de suas fronteiras, nem mesmo nos países vizinhos, de modo que o novo curso de ação era imprevisível porquanto inconsistente com as políticas anteriores.

A ilha de Cuba, principalmente após seu alinhamento com a União Soviética, sempre foi de grande preocupação para os Estados Unidos, por estar localizada muito próxima ao sul do território norte-americano. Assim, a intenção dos EUA era impedir que ela se tornasse uma base militar soviética, apesar de a URSS declarar constantemente que não tinha intenções de enviar armamentos ofensivos para Cuba. Entretanto, no dia 16 de outubro de 1962, a Central Intelligence Agency (CIA) entregou um relatório a John F. Kennedy, no qual “continha fotos de inteligência identificando instalações nucleares de mísseis soviéticos em construção na ilha de Cuba, a noventa quilômetros da costa da Flórida” (THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE, 1998, tradução nossa)¹.

Essa informação frustrou os planos de Khrushchev, então Primeiro-Ministro soviético, que pretendia concluir as instalações antes que as mesmas fossem descobertas. Instaurava-se então um dos episódios de maior tensão da Guerra Fria, em que ambas as partes tinham que ponderar qual seria o próximo passo, uma vez que qualquer iniciativa poderia ocasionar uma guerra nuclear.

¹ The CIA produced detailed photo intelligence identifying Soviet nuclear missile installations under construction on the island of Cuba, some ninety miles off the Florida coast.

3. Barganha política e escalada do conflito

3.1. Barganha política

Pruitt, Kim e Rubin, no livro *Social Conflict*, definem o que se entende por conflito: “divergência percebida de interesses ou uma crença de que as aspirações de parte e de outro não podem ser alcançadas simultaneamente” (PRUITT; KIM; RUBIN, 1994, p. 5, tradução livre)². Assim, os conflitos serão mais intensos quanto mais rígidas forem as aspirações e quanto menores forem as possibilidades de coordenação das aspirações.

Em uma situação conflitiva, há quatro cursos de ação possíveis (PRUITT; KIM; RUBIN, 1994). O primeiro é a confrontação, em que uma parte tenta impor à outra a solução que mais lhe convém. O segundo é a concessão, em que uma parte reduz suas aspirações unilateralmente para facilitar o acordo. O terceiro é o equacionamento, em que há concessões bilaterais, de modo a se buscar um acordo que atenda minimamente a ambas as partes. Finalmente, há a evasão, em que uma parte simplesmente abandona o conflito e aceita a solução imposta pela outra. Muitas vezes, até que um conflito seja solucionado, são adotados diversos cursos de ação sequencialmente.

Ao escolher um curso de ação, é preciso avaliar a eficiência com que ele possibilitará a obtenção das aspirações, ou seja, é preciso ter em conta a viabilidade percebida desse curso de ação (PRUITT; KIM; RUBIN, 1994). Muitas vezes, a evasão, a concessão ou mesmo o equacionamento não são percebidos como viáveis, pois indicariam fraqueza. Da mesma maneira, com frequência, o equacionamento só é possível quando se chega a uma situação de impasse, ou seja, quando um ator não percebe mais condições viáveis de vencer o oponente. Tal curso de ação leva à desescalada do conflito e tende para sua resolução.

Há algumas formas de se induzir as concessões da outra parte (SCHELLING, 1980). Uma alternativa é fazer promessas que indiquem um aumento dos benefícios

² Perceived divergence of interest, or a belief that the parties' current aspirations cannot be achieved simultaneously.

para o outro, caso ele ceda. Essa estratégia, entretanto, traz custos adicionais para quem a emprega, uma vez que, caso o conflito seja solucionado, as promessas deverão ser cumpridas. Assim, uma alternativa seria o emprego da ameaça, que, caso seja bem sucedida, não traz custos adicionais. Contudo, caso a ameaça não funcione, quem a empregou deverá arcar com os custos de cumpri-la, o que nem sempre é possível, uma vez que o ator pode ter blefado. Portanto, uma forma de tornar a ameaça mais plausível é assumir um comprometimento irreversível, ou seja, criar condições que assegurem ao oponente que não é possível alterar o curso de ação. Destarte, em caso de sucesso, a ameaça é sempre menos custosa que a promessa. Durante a Crise dos mísseis, essas duas alternativas foram empregadas por ambas as potências.

O equilíbrio nuclear traz ainda outros fatores relevantes para a escolha do curso de ação. Para compreender os riscos em jogo, é útil empregar a teoria dos jogos e, mais especificamente, o “jogo do covarde” (*chicken game*). Um jogo é uma situação, com pelo menos dois atores, em que há diversas estratégias possíveis, dentre as quais os autores escolherão tendo em vista os custos envolvidos em cada uma, ou seja, com base na matriz de resultados (*payoffs*). A isso se pode chamar de racionalidade instrumental (TSEBELIS, 1998).

O jogo do covarde é descrito, normalmente, como dois motoristas dirigindo um em direção ao outro, e o perdedor é aquele que desvia o carro primeiro. Nenhum dos dois jogadores deseja que ocorra o choque, sendo esse o pior resultado para ambos, pois levaria à destruição mútua. Nesse mesmo sentido, nenhum dos dois deseja desviar primeiro, pois perderia o jogo (sendo o “covarde”). Assim, a escolha do curso de ação refere-se a uma reflexão de equilíbrio sobre quando é a hora de desistir. Esse jogo pode ser aplicado com grande facilidade à Crise dos Mísseis, em que o risco de deflagração de uma guerra nuclear seria o choque que ambas as partes deseja evitar, ao mesmo tempo em que nenhuma deseja ceder e finalizar o jogo, pois não quer ser o perdedor.

3.2. Degraus da escalada do conflito

Quando um conflito já existe e as divergências de interesses se tornam ainda maiores, ou a crença de que o objetivo de uma parte é totalmente oponente ao objetivo da outra, tem-se a escalada do conflito.

Tal escalada pode ser exemplificada por meio de “degraus”, permitindo a noção de que contínuos desentendimentos e percepções divergentes vão ocorrendo ao longo da crise (PRUITT; KIM; RUBIN, 1994). Assim, os degraus da escalada são utilizados como uma metáfora metodológica para auxiliar na avaliação de crises entre dois Estados.

O primeiro degrau corresponderia ao uso da linguagem enfática, afirmando-se que, se o problema não for resolvido imediatamente, pular-se-á para outra etapa da escalada. Após esse primeiro degrau, viriam as ações legais e de represália, punindo o outro pela não atenção ao degrau anterior.

Sucessivamente, vai-se subindo os degraus, passando por diversos outros, tais como: enrijecimento de posições (no qual há o aumento do comprometimento das partes com o objetivo de demonstrar ao outro a impossibilidade de recuo em sua posição); a exibição de força (que consiste em mostrar seu potencial de força e de seu uso); rompimento de relações diplomáticas (com esse ato, pretende-se comunicar ao adversário que os atos de força podem substituir as formas pacíficas de resolução do conflito); estado de superprontidão (no qual o Estado coloca suas Forças Armadas em alerta, a qualquer sinal de ameaça ou perigo); guerra convencional (com o uso de armas convencionais); guerra quase nuclear (uso de armas nucleares acontece, ou involuntariamente, por erro, ou voluntariamente, querendo mostrar que foi um erro); exibição espetacular (na qual mostra-se a capacidade do Estado, por meio do uso de armas certeiras e perigosas); embargo de âmbito mundial (representa um tipo de coerção sem o uso de armas, mas que pode ser tão ou mais danosa que um confronto armado); ataque de demonstração a uma zona de interior (ataca-se uma área menos povoada, que cause danos à paisagem física, mas não às pessoas); ataques exemplares sobre a população; ataques limitados de força; ataques ilimitados; ataques de devastação civil (cálculo sobre a correta localização da população do inimigo, que é o verdadeiro alvo); e o último degrau, que é a guerra de espasmo ou insensata (guerra

na qual todos os meios foram utilizados e as conseqüências de seus desdobramentos não são controláveis).

Esse último estágio representa um grau de escalada não desejável por ambas as partes, pois demanda altos gastos financeiros, sofrimento populacional, tanto físico como psicológico, e ainda afeta uma gama imensa de países vizinhos ou até mesmo distantes. Para se evitar que as tensões alcancem um nível imoderado e não desejável, é importante que haja a comunicação entre as partes, de forma a tornar claras e precisas as aspirações e próximas ações a serem adotadas, caso tais objetivos não sejam atingidos. Assim, uma crise nuclear nunca pode ser considerada totalmente controlável, fazendo com que as partes reflitam acerca do engajamento cada vez mais rígido no conflito.

4. O governo Kennedy

A Crise dos Mísseis ocorreu durante a presidência de John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), que ocupou o cargo de Presidente dos EUA entre 1961 e 1963, ano em que foi assassinado. Kennedy se tornou o segundo presidente mais jovem dos Estados Unidos, tendo sido eleito aos 43 anos. (JFK LIBRARY). É de sua autoria uma das mais famosas frases da história: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas sim o que você pode fazer pelo seu país.”³ (JFK LIBRARY). O ex-presidente, filiado do partido democrata, já foi membro da Marinha americana, do Congresso e até jornalista.

Historicamente, o governo dos EUA possui um órgão especial para lidar com questões que envolvam segurança nacional e política externa (NATIONAL..., 2008). Tal órgão é denominado National Security Council (NSC), e existe desde 1947. Entretanto, durante a administração de Kennedy, o NSC teve seu papel consideravelmente reduzido, tendo se reunido com uma freqüência menor do que nos demais governos. Dessa forma, o Departamento de Estado passou a exercer as funções antes realizadas pelo NSC, a saber, o monitoramento e a implementação de políticas ligadas à arenas externa. (NATIONAL..., 2008)

³ Ask not what your country can do for you, but rather what you can do for your country.

Ainda, o início do governo Kennedy foi marcado pelo fracassado episódio da Invasão da Baía dos Porcos (1961), em que os Estados Unidos decidiram acabar com a “ameaça comunista”. Para tal, deram suporte a cubanos que se encontravam exilados nos EUA e eram contrários ao novo regime instaurado em Cuba. A intenção era que esses indivíduos tomassem o poder por meio de uma luta armada, mas essa investida não se concretizou. A CIA, segundo Howells (2001), arquitetou a invasão, e obteve autorização de Kennedy para realizá-la.

Assim, nesse contexto de luta contra o comunismo e de enormes desafios, Kennedy teve que lidar com diversas variáveis, sobretudo na Crise dos Mísseis. Segundo Bohning (2005), um dos principais objetivos do então presidente era derrubar [Fidel] Castro devido à ameaça que o comunismo representava para os EUA. Porém, a partir de uma situação como a que se instaurou em outubro de 1962, o então presidente teve que ponderar sobre suas decisões, pois Cuba se constituía um aliado vital da União Soviética, e qualquer ameaça à ilha poderia implicar numa resposta da mesma. Ainda, o fracasso da Invasão das Baías dos Porcos demonstrava que uma invasão à Cuba não era tão simples. Outro fator que o presidente teve que considerar foi a enorme pressão proveniente do Pentágono, “desejoso de bombardear e invadir Cuba.” (GANSER,2002).

Portanto, a interação dos líderes no ExComm deveria considerar todas essas implicações.

5. Prováveis cursos de ação

5.1. Prováveis cursos de ação dos Estados Unidos

A descoberta de mísseis em Cuba demandou

que os Estados Unidos usassem sua superioridade estratégica e local de forma a demonstrar a determinação americana em ver os mísseis removidos, dando, no mesmo instante, tempo e espaço a Moscou para que se retirasse sem uma humilhação (ALLISON; ZELIKOW, 1999, p.110, tradução nossa)⁴.

⁴ All that was required was for the United States to use its strategic and local superiority in a way that demonstrated American determination to see the missiles removed, while at the same time allowing Moscow time and room to retreat without humiliation.

A atitude norte-americana ao descobrir os mísseis em Cuba, portanto, deveria ser cautelosa, dada a possibilidade de uma escalada do conflito, que culminaria com a eclosão de uma guerra nuclear. Ao mesmo tempo, deveria demonstrar firmeza do país, não dando uma imagem de fraqueza perante a URSS.

Dessa forma, Allison e Zelikow (1999) apontam seis alternativas por meio das quais o país poderia reagir à descoberta dos mísseis em Cuba. Em todas elas, existem pontos positivos e negativos, e é a partir dessas possibilidades que a simulação deverá se desenvolver. Tais alternativas, conforme apontadas pelos autores são: inação; exercer pressões diplomáticas; fazer uma abordagem secreta a Fidel Castro; invasão; ataque aéreo; bloqueio naval.

5.1.1. Inação

Existia a possibilidade de que os Estados Unidos simplesmente não tomassem nenhuma medida em relação à descoberta dos mísseis em Cuba. Porém, segundo Allison e Zelikow (1999), a inação seria inaceitável para a população do país, cuja opinião era de fundamental relevância para Kennedy. Ainda, o custo político de tal alternativa poderia ser muito alto, pois os EUA poderiam ser vistos como “fracos”, o que não era seu desejo nem sua intenção, já que a concessão nessa área – ou nesse caso – poderia ter implicações em outras. Por exemplo, caso os EUA decidissem não fazer nada quanto aos mísseis em Cuba, a URSS poderia realizar iniciativas similares, como a tentativa de tomada de Berlim ocidental. Segundo Kennedy,

todos sentem que caso falhemos em responder, colocaríamos em questão nossa vontade em responder [também] sobre Berlim, dividiríamos [assim] nossos aliados e nosso país (KENNEDY, apud ALLISON; ZELIKOW, 1999, p.112, tradução nossa)⁵.

5.1.2. Pressões Políticas

Duas formas de pressão política são apontadas (Allison e Zelikow,1999). A primeira envolveria o envio de um ultimato – secreto – a Khrushchev para que os mísseis

⁵ Everyone else felt that for us to fail to respond would thro into question our willingness to respond over Beriln, would divide our allies and our country.

fossem retirados. Essa possibilidade consistiria em dar à União Soviética a alternativa de sair do conflito sem a necessidade de um conflito armado ou uma confrontação direta. A segunda forma de pressão política seria um apelo à Organização das Nações Unidas (ONU) ou à Organização dos Estados Americanos (OEA) para que os mesmos tivessem um papel de mediadores no conflito. Porém, essas não são as duas únicas maneiras de se tentar solucionar o conflito.

5.1.3. Abordagem secreta a Fidel Castro

Tal situação teria como objetivo principal romper a aliança entre Cuba e URSS. Mesmo que fosse uma estratégia com pouca perspectiva de sucesso, ela não foi descartada, pois se Castro percebesse que estava em uma situação de perigo, haveria a possibilidade de que ele cedesse às pressões dos EUA. Em outros termos, uma ameaça a Cuba poderia levá-la a repensar a aliança para com a União Soviética. Essa alternativa, porém, tinha altos riscos, pois não havia garantias de que Fidel fosse se aliar com os EUA.

5.1.4. Invasão

Essa alternativa consistiria em uma invasão terrestre para que os mísseis fossem desarmados. Seria uma forma de ação que deveria ser analisada com muita cautela, pois a possibilidade de escalada do conflito era muito grande. Ainda, a invasão era uma operação custosa, visto que

forçaria as tropas americanas a confrontarem as tropas soviéticas, no primeiro caso da Guerra Fria de combate direto entre forças terrestres das superpotências” (ALLISON; ZELIKOW, 1999, p. 115, tradução nossa)⁶.

Porém, conforme afirmavam alguns membros do ExComm, a invasão terrestre demonstrava força por parte dos Estados Unidos, além de ser uma das maneiras cujo desarme dos mísseis em Cuba tinha grande probabilidade de sucesso. Mas por outro lado, essa ação poderia gerar em uma resposta muito forte da URSS.

⁶ It would force American troops to confront Soviet troops in the Cold War's first case of direct combat between ground forces of the superpowers.

5.1.5. Ataque aéreo

Nessa forma de resposta, os EUA realizariam um ataque aéreo para dismantelar os mísseis em Cuba, antes que os mesmos estivessem prontos para serem lançados. Essa medida poderia conceder aos EUA a vantagem do *first strike*, além de dificultar um ataque da URSS ao país. Porém, mesmo que a primeira impressão dessa alternativa seja a de que ela é vantajosa, quatro dificuldades apontadas por Allison e Zelikow (1999) exigem pensá-la melhor.

A primeira dificuldade seria como concentrar o ataque, de forma que somente os mísseis fossem atacados. Ainda, havia a possibilidade de que o sul dos EUA fosse atingido, ou pelo menos sofresse as conseqüências de um ataque aéreo que envolvesse o lançamento de ogivas nucleares. A segunda dificuldade se relaciona à possível resposta que a União Soviética poderia ter, uma vez que um ataque aéreo mataria cidadãos russos que estavam operando e trabalhando na construção dos mísseis. “Um ataque às tropas militares e cidadãos de uma grande potência não poderia ser considerado leve.” (ALLISON; ZELIKOW, 1999, p. 117, tradução nossa)⁷. Assim, essa alternativa teria que considerar a possibilidade de uma resposta severa por parte da URSS, como um ataque contra o território norte-americano, ou mesmo contra Berlim ou Turquia. Outro problema seria a chamada “advance warning”, ou aviso adiantado, já que um ataque surpresa não era uma iniciativa que se esperaria dos EUA. Por fim, a quarta dificuldade era que o ataque não necessariamente atingiria e tornaria inoperáveis todos os mísseis em Cuba, o que poderia ocasionar em uma resposta por parte da União Soviética.

5.1.6. Bloqueio

O bloqueio dos navios que fossem para Cuba contendo artefatos militares ofensivos seria uma forma de ação militar indireta (ALLISON, ZELIKOW, 1999), que também exigia considerável cautela. Em primeiro lugar, conforme apontam Allison e

⁷ Na attack on the military troops and citizens of a great power could not be regarded lightly.

Zelikow (1999), não se tinha certeza de que essa medida por si só seria eficiente, exigindo posteriormente uma declaração de guerra contra Cuba. Ainda, um bloqueio a Cuba poderia gerar uma resposta soviética em Berlim. Outro problema seria as ações que teriam que ser tomadas caso os navios não parassem. Isso exigiria que os EUA atirassem nesses navios, o que, por sua vez, geraria respostas. Por último, como legitimar um bloqueio sendo que os mísseis já se encontravam em Cuba? E mais importante, qual a eficácia que essa alternativa teria em impedir um ataque soviético?

Mas não apenas desvantagens eram produzidas por esse curso de ação. Allison e Zelikow (1999) apontam que o bloqueio era o meio termo entre não se fazer nada e um ataque convencional, que demonstrava firmeza, mas que não era visto como um ataque direto. Ainda, seria uma forma de transferir o peso da decisão para Khrushchev, pois as próximas ações dependeriam do que seria feito pelo Primeiro-Ministro soviético, ou seja, um confronto maior poderia ser evitado se ele não tentasse ultrapassar o bloqueio. Outra vantagem trazida por essa alternativa seria a certeza de que um confronto militar no mar do Caribe teria como vencedor os Estados Unidos, devido à superioridade militar convencional do país. “Na porta de nossa casa, um bloqueio naval era invencível.” (ALLISON; ZELIKOW, 1999, p. 120, tradução nossa)⁸. Por fim, um bloqueio trazia o confronto para a área não-nuclear, onde, sem dúvidas os EUA eram superiores. Segundo Andrew Pfister, em 1962, os EUA possuíam algo em torno de 170 mísseis balísticos intercontinentais em seu arsenal, enquanto a URSS possuía nada mais que 25 mísseis da mesma categoria (PFISTER, 2005, p. 17-18). Além disso, Krushchev acreditava que, diante do poderio nuclear, as Forças Armadas convencionais perdiam importância, de modo que estas haviam recebido investimentos muito reduzidos, especialmente a Marinha. Assim, os EUA superavam a URSS em virtualmente todos os quesitos militares.

5.2. Os possíveis cursos de ação da URSS

⁸ At our doorstep, a naval blockade was invincible.

De forma a melhor decidir sobre o curso de ação mais apropriado a ser tomado pelos Estados Unidos, deve-se ponderar quais seriam as possíveis respostas da URSS frente a cada um dos cursos de ação.

5.2.1. Inação por parte dos EUA

Caso os EUA optassem por não retaliar a ameaça soviética construída em Cuba, não há razões para se crer que a operação fosse alterada de qualquer forma. Assim, o curso de ação mais provável nesse caso seria o prosseguimento e a conclusão da instalação dos mísseis balísticos em Cuba.

5.2.2. Pressões políticas por parte dos EUA

A primeira forma de pressão política que poderia ser exercida pelos EUA seria um contato direto com o Premier soviético. Caso isso ocorresse, a reação soviética seria diretamente influenciada pelas condições impostas pelos EUA para o fim da tensão. Caso essa pressão visasse apenas à retirada dos mísseis, sem quaisquer concessões por parte dos EUA, a URSS provavelmente não aceitaria o acordo, uma vez que essa retirada comprometeria o prestígio soviético frente ao resto do mundo e seria interpretada como um sinal de fraqueza (KHRUSHCHEV, 1971).

A segunda forma de pressão que poderia ser exercida pelas EUA, como já dito, seria através da ONU ou da OEA. Nesse caso, as organizações funcionariam como mediadores, e deveriam ser buscadas alternativas de acordo que impedissem a eclosão de um conflito nuclear, mas que também assegurassem que os interesses de ambas as partes seria levado em conta. Assim, a URSS poderia cooperar, contanto que as opções apresentadas não prejudicassem seu prestígio ou deixassem a ilha cubana desprotegida. Em negociações nessa arena provavelmente estariam envolvidas variáveis externas a Cuba.

Um ponto a ser levantado seria a retirada das forças norte-americanas de Berlim Ocidental. Esse ponto, muito caro a Khrushchev, poderia levar à retirada dos mísseis em Cuba, mas tal condição dificilmente seria aceita pelos EUA. Outro tema relevante

referia-se às bases norte-americanas na Turquia. A desabilitação dessas bases poderia promover a boa vontade soviética para se chegar a um acordo. Entretanto, a concessão com base apenas nesses termos seria uma demonstração de fraqueza por parte da URSS, uma vez que o poder nuclear dos submarinos norte-americanos tinha alcance similar ao das bases na Turquia.

5.2.3. Abordagem secreta por parte dos EUA a Fidel Castro

Caso essa estratégia fosse adotada e desse sinais de sucesso, a URSS poderia responder através da ruptura das relações com Cuba. Entretanto, a resposta mais provável seria o exercício de pressões contrárias ao alinhamento de Cuba com os EUA. A ausência do apoio da ilha implicaria a perda de um importante fator no balanceamento soviético frente ao poderio norte-americano. Cuba estava posicionada estrategicamente em relação ao território norte-americano e à América como um todo, de modo que, através da ilha, o bloco soviético poderia ampliar sua zona de influência e desafiar os EUA em seu próprio hemisfério.

5.2.4. Invasão de Cuba pelos EUA

Essa atitude norte-americana representaria uma afronta direta ao prestígio soviético, mas a resposta a ela seria de difícil formulação. A URSS poderia apenas permitir que Cuba fosse ocupada pelas forças norte-americanas, e não esboçar nenhuma resposta. Isso evitaria um confronto nuclear, mas comprometeria o prestígio soviético, representando uma derrota vergonhosa de tal bloco.

Outra alternativa seria a abstenção da URSS em intervir no conflito, mas deixando os mísseis balísticos sob o controle do governo cubano, de modo que o desenrolar da tensão e a deflagração ou não do conflito nuclear ficaria ao encargo de Castro (ALLISON; ZELIKOW, 1999). Esse curso, entretanto, apesar de isentar a URSS de qualquer responsabilidade, ampliaria as chances de uma escalada do conflito e não impediria a destruição de Cuba, uma vez que a ilha não possuía a capacidade de lançar

um ataque retaliatório que cumprisse a predição da destruição mútua assegurada (*mutual assured destruction*).

Uma terceira opção seria autorizar, em caso de invasão, o uso apenas de forças convencionais (ALLISON; ZELIKOW, 1999). Isso evitaria a escalada do conflito para um nível de confrontação nuclear, mas seu resultado provavelmente não seria favorável à URSS. Como já foi apontado anteriormente, os EUA superavam a URSS em critérios de forças convencionais, e sua vitória era altamente provável.

Uma quarta opção seria autorizar a utilização de armas nucleares táticas, mas não dos mísseis balísticos (ALLISON; ZELIKOW, 1999). Essa alternativa, além de aumentar as chances de escalada do conflito para níveis de tensão nuclear, ainda corria um risco adicional. Porquanto as comunicações com Cuba pudessem ser interceptadas, os EUA poderiam descobrir a estratégia e, se antecipando ao uso das armas nucleares táticas, fazer uso de sua força nuclear rapidamente, visando às vantagens do primeiro ataque.

A quinta alternativa seria lançar um ataque contra Berlim Ocidental. Isso aumentaria os custos dos EUA de prosseguirem com a invasão de Cuba, de modo que a URSS não teria que se engajar em um conflito direto com os EUA tão próximo do território inimigo. Entretanto, devido aos grandes interesses envolvidos na capital alemã, esse curso também aumentaria as chances de uma guerra nuclear.

Finalmente, a URSS poderia responder com um ataque nuclear. Essa alternativa, entretanto, seria a pior para ambas as partes, devido à expectativa de destruição mútua assegurada.

5.2.5. Ataque aéreo a Cuba pelos EUA

Caso os EUA adotassem um ataque aéreo a Cuba, a URSS poderia optar por não reagir. Entretanto, como já foi indicado acima, isso seria pouco provável. Outra alternativa seria empreender uma retaliação com o uso apenas de forças convencionais, o que, como já indicado, conquanto evitasse a escalada do conflito, resultaria, provavelmente, em uma vitória dos EUA. Uma terceira opção seria a retaliação com o uso de armamentos nucleares, o que seria o curso menos desejável,

uma vez que levaria à escalada e, conseqüentemente, à destruição mútua. Finalmente, a URSS poderia reagir lançando um ataque contra Berlim Ocidental, que teria resultados semelhantes aos descritos na seção anterior.

5.2.6. Bloqueio de Cuba por parte dos EUA

Essa estratégia por parte dos EUA seria a que permitiria maior margem de manobra por parte da URSS (ALLISON; ZELIKOW, 1999). Novamente, a URSS poderia simplesmente aceitar os termos norte-americanos e suspender os carregamentos para Cuba, mas isso seria muito improvável. Um curso de ação mais viável seria a suspensão de alguns navios, mas não de todos. Assim, seria possível parar o avanço de vários navios e prosseguir apenas com aqueles que levavam os mísseis balísticos intercontinentais – lembrando que os mísseis balísticos de médio alcance já se encontravam em Cuba, em processo de instalação. Esse curso, conquanto não prejudicasse o prestígio soviético, seria uma forma de demonstrar cautela frente à possibilidade de escalada.

Um curso mais ousado seria dar prosseguimento a todos os carregamentos, e levar todos os navios que rumavam para Cuba a romperem o bloqueio norte-americano. Essa alternativa, embora transmitisse uma imagem de grande poder da URSS, ampliava as possibilidades de uma confrontação violenta, que poderia levar à deflagração de uma guerra nuclear. Finalmente, seria também possível responder ao bloqueio através de um ataque a Berlim. Essa alternativa teria as conseqüências já descritas anteriormente.

Portanto, qualquer decisão que se obtenha no ExComm deve levar em consideração as prováveis respostas da URSS, de forma a assegurar que o pior resultado possível não seja obtido. Ao mesmo tempo, os EUA devem considerar a afronta que os mísseis representam a seu poder e prestígio na arena internacional.

6. O ExComm

No dia 16 de outubro de 1962, o presidente John F. Kennedy recebeu a evidência fotográfica de que bases de lançamento de mísseis ofensivos solo-solo estavam em processo de construção em Cuba. Kennedy formou um grupo de conselheiros confiáveis, conhecido como Comitê Executivo (ExComm), os quais o guiaram na conseqüente Crise dos mísseis de Cuba (OPEN VAULT, 1986, tradução nossa)⁹.

O ExComm, Comitê Executivo do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, foi criado no dia 16 de outubro de 1962, funcionando secretamente até dia 28 de outubro do mesmo ano. O então presidente norte-americano, John Kennedy, nomeou um grupo de homens que atuariam como seus conselheiros na crise dos mísseis de Cuba. Esses foram responsáveis pelo aconselhamento ao presidente Kennedy, uma vez que, segundo a Constituição, o Presidente é o chefe supremo do Exército e da Marinha dos Estados Unidos. Ou seja, qualquer iniciativa militar deveria ser autorizada por Kennedy. Contudo, dado o risco da ocorrência de uma guerra nuclear, fez-se necessário que outras medidas que não apenas ações militares fossem consideradas, a fim de se obter um resultado conveniente, pois a instauração de uma guerra nuclear mundial deveria ser evitada (OPEN VAULT, 1986). Assim, a tarefa do ExComm era um tanto quanto crítica, na medida em que o comitê trabalhava na tentativa de encontrar a melhor forma de retirar os mísseis de Cuba, sem que isso gerasse uma confrontação incontrolável (OPEN VAULT, 1986).

De tal forma, durante essas duas semanas o grupo se reuniu, sob a liderança de John Kennedy, fazendo do ExComm o comitê de decisões e de execuções, crucial na orientação das respostas e ações norte-americanas durante o período de crise (CNN..., [s.d.]). Atuando quase que por 24 horas, o ExComm definiu o rumo das negociações por parte dos EUA, recebendo informações a todo instante sobre a posição da URSS.

O objetivo principal do Comitê é discutir o que deve ser feito a partir da constatação de que mísseis estavam sendo construídos em Cuba. A existência de diferentes pontos de vista possibilita um debate caloroso e produtivo, uma vez que o tempo é curto e a situação extremamente delicada. As discussões giraram em torno dos seis cursos de ação possíveis apresentados. A emergência da situação exigia que

⁹ On October 16, 1962, President John F. Kennedy received photographic evidence that Soviet launch sites for ground-to-ground offensive missiles were under way in Cuba. Kennedy formed a group of trusted advisers, known as the Executive Committee (ExComm), who guided him through the ensuing two-week Cuban missile crisis.

todas as alternativas fossem consideradas e que uma solução para a crise fosse alcançada.

Dessa forma, estarão presentes no ExComm os seguintes representantes:

- *Lyndon Johnson*, Vice-Presidente, e seu *assistente*.
- *Robert Kennedy*, Procurador Geral; acompanhado de um *assistente*;
- *Maxwell Taylor*, Chairman, Chefe do Estado Maior, acompanhado de um *assistente*;
- *Douglas C. Dillon*, Secretário do Tesouro, mais o seu *assistente*;
- *Robert McNamara*, Secretário de Defesa;
- *George Ball*, Sub-Secretário de Estado; e seu *assistente*.
- *Dean Rusk*, Secretário de Estado;
- *John McCone*, Diretor da CIA, e seu *assistente*;
- *Roswell Gilpatric*, Vice-Secretário de Defesa; e seu *assistente*
- *Llewellyn Thompson*, Embaixador, e seu *assistente*;
- *McGeorge Bundy*, Conselheiro de Segurança Nacional;

Ademais, outros membros irão compor o ExCom, de maneira não oficial, a saber:

- *Ural Alexis Johnson*, Sub-secretário para questões políticas, e seu *assistente*.
- *Paul Nitze*, Assistente de Secretário de Defesa;
- *Dean Acheson*, ex-Secretário de Estado; e seu *assistente*.
- *John McCloy*, Conselheiro Particular;
- *Adlai Stevenson*, Embaixador dos EUA na ONU; e seu *assistente*.
- *Donald Wilson*, Diretor Representante da Agência de Informação; e seu *assistente*.
- *Edwin Martin*, Assistente do Secretário de Estado para questões Interamericanas;
- *Charles Bohlen*, Ex- embaixador da União Soviética, e seu *assistente*.

A decisão final de qual a ação que será tomada será dada pelo Presidente, mas é de fundamental importância que os representantes do Comitê o aconselhem para que essa decisão implique na melhor alternativa para os Estados Unidos.

6.1. Posicionamento dos membros

6.1.1. Lyndon Baines Johnson (1908 a 1973), geralmente referido por LBJ, se graduou em 1924 e em 1931 iniciou sua carreira no Congresso norte-americano (AMERICAN..., [s.d.]).

Nas eleições presidenciais dos EUA de 1960, LBJ conquistou o cargo de vice-presidente, trabalhando com o também recém eleito presidente John Kennedy. Conforme AMERICAN PRESIDENT, “Kennedy relegou Johnson para fora da Nova Fronteira¹⁰, mas deu-lhe significativas responsabilidades” (AMERICAN..., [s.d.], tradução nossa)¹¹. De fato, Johnson “chefiou o programa espacial, desempenhou um importante papel na política militar, e chefiou o Comitê presidencial para Oportunidade e Emprego Iguais” (AMERICAN..., [s.d.], tradução nossa)¹².

Entretanto, na política externa LBJ teve muito menos influência, apesar de que foi ele quem “encorajou a aceitação da ‘troca’ diplomática dos mísseis russos em Cuba pelos americanos na Turquia” (AMERICAN..., [s.d.], tradução nossa)¹³. LBJ inicialmente era favorável a ataques aéreos para atingir os mísseis soviéticos. (CNN..., [s.d.], tradução nossa)¹⁴.

Mas, na verdade, conforme AMERICAN PRESIDENT, Kennedy não confiava nos conselhos e opiniões de LBJ em assuntos de política externa (AMERICAN..., [s.d.]). De tal forma, é de se esperar que Johnson ficasse frustrado como vice-presidente, “particularmente quando os homens da Nova Fronteira ao redor de Kennedy o ignoravam e recusavam levar em consideração seus conhecimentos” (AMERICAN..., [s.d.], tradução nossa)¹⁵.

¹⁰ A Nova Fronteira consistiu em um programa, usado na candidatura e implementado no exercício da presidência, por Kennedy. Foi um programa chave do governo do presidente, buscando impulsionar a economia para prestar ajuda internacional, promover a defesa nacional, e impulsionar o programa espacial.

¹¹ Kennedy relegated Johnson to the outer circles of the New Frontier but did give him some significant responsibilities.

¹² Headed the space program, played a key role in military policy, and chaired the President's Committee for Equal Employment Opportunity.

¹³ He did encourage acceptance of a diplomatic "trade" of Russian missiles in Cuba for American ones in Turkey.

¹⁴ LBJ initially favored air strikes to take out the Soviet missiles, but later supported the blockade.

¹⁵ Particularly when the New Frontiersmen around Kennedy ignored him and refused to take advantage of his expertise.

Com o assassinato de Kennedy, LBJ assumiu o cargo da presidência até 1964, quando então ocorreram novas eleições e ele as venceu, conquistando verdadeiramente o cargo de presidente (1964-1969).

6.1.2. Robert Kennedy (1925 a 1968), Procurador Geral, teve papel de extrema relevância na Crise dos Mísseis de Cuba. Também conhecido como Bobby, era tido como confidente e conselheiro de seu irmão John Kennedy. O presidente não podia estar presente em todas as reuniões do ExComm, sendo assim, Bobby desempenhava seu papel de esclarecer os debates. Sua colaboração contribuiu habilmente na auto-gestão do grupo, sendo seguida de suas construtivas opiniões.

Ao se opor à efetuação do ataque aéreo planejado pelos EUA no dia 16 de outubro, R. Kennedy demonstrou sua notável capacidade de atuação no comitê. Ademais, R. Kennedy convenceu seu irmão sobre a efetuação de um acordo secreto com o Embaixador da URSS Anatoly Dobrynin, sendo esta mais uma atuação de destaque. O irmão do Presidente se preocupava muito que uma postura ofensiva dos EUA contra Cuba dificultasse ainda mais o equacionamento.

Em suma, as contribuições de Robert Kennedy tornaram-lhe o segundo homem mais importante na resolução do conflito da crise dos mísseis junto aos EUA. As idéias de Kennedy foram indispensáveis para seu irmão, o presidente John Kennedy, e para o mundo.

6.1.3. General Maxwell Davenport Taylor (1901 a 1987), construiu uma grande carreira militar e diplomática nos EUA. Em 1922 se formou na Academia Militar dos EUA (conhecida por West Point), já em 1927 foi promovido a primeiro tenente, em 1935 a capitão, em 1940 a major permanente, em 1942 a brigadeiro general e em 1944 a major general (HISTORY OF THE ARMY, [s.d.]).

De tal forma, cronologicamente, de 1945 a 1949 Taylor foi o Superintendente do West Point; em 1953 foi mandado à Guerra das Coréias; e de 1955 a 1959, sucedeu o seu mentor, Matthew B. Ridgway, como o Chefe do Estado Maior do Exército (UNITED STATES ARMY, [s.d.]).

Segundo UNITED STATES ARMY, como Chefe do Estado Maior do Exército, Taylor foi um sincero crítico da política de defesa adotada pela administração de Eisenhower¹⁶: o New Look¹⁷. Taylor via tal política como “perigosa e demasiadamente confiante no uso de armas nucleares em detrimento do uso das forças convencionais” (UNITED STATES ARMY, [s.d.], tradução nossa)¹⁸. Além disso, ele também criticava as inadequações do Comitê dos Chefes de Pessoal e se mostrou frustrado ao perceber que seus argumentos e opiniões não eram levados em consideração. Assim sendo, em 1959, Taylor se retirou da carreira militar (UNITED STATES ARMY, [s.d.]).

Com o fracasso do episódio da Invasão à Baía dos Porcos¹⁹, em 1961, John Kennedy, o novo presidente norte americano, “que sentia que o Comitê dos Chefes de Pessoal havia falhado ao não provê-lo de conselhos militares satisfatórios, apontou Taylor para chefiar a tarefa força de investigar o fracasso da invasão” (UNITED STATES ARMY, [s.d.], tradução nossa)²⁰

De tal forma,

O Grupo de Estudos de Cuba se reuniu por seis semanas de abril a maio de 1961 para fornecer uma ‘autópsia’ dos eventos desastrosos ocorridos na Invasão à Baía dos Porcos. Ao longo do trabalho juntos Taylor um profundo respeito e carinho pessoal por Kennedy (UNITED STATES ARMY, [s.d.], tradução nossa)^{21 22}.

Logo após a conclusão das investigações, a falta de confiança de Kennedy no Comitê de Chefes de Pessoal, somada ao seu apreço por Taylor, levaram o presidente a convocá-lo para ser o Representante Militar do Presidente. Assim, ele se tornou efetivamente o principal conselheiro militar de Kennedy, o que acabou provocando ressentimentos ao Comitê (UNITED STATES ARMY, [s.d.]). Dessa maneira, em

¹⁶ Foi presidente dos EUA entre janeiro de 1953 e janeiro de 1961.

¹⁷ Essa política enfatizava a confiança no uso de armas nucleares estratégicas para deter potenciais ameaças, tanto convencionais quanto nucleares, vindas do Oeste liderado pela URSS.

¹⁸ Dangerously over-reliant on nuclear arms and neglectful of conventional forces.

¹⁹ A Invasão foi uma operação militar em que tropas norte-americanas tentaram invadir Cuba em 1961, buscando pôr fim ao governo de Fidel Castro. Para mais informações ver: http://es.wikipedia.org/wiki/Invasi%C3%B3n_de_Bah%C3%ADa_de_Cochinos.

²⁰ Who felt the Joint Chiefs of Staff had failed to provide him with satisfactory military advice, appointed Taylor to head a task force to investigate the failure of the invasion.

²¹ The Cuba Study Group met for six weeks from April to May 1961 to perform an 'autopsy' on the disastrous events surrounding the Bay of Pigs invasion. In the course of their work together, Taylor developed a deep regard and a personal affection for Robert F. Kennedy.

²² Tanto Kennedy como seu irmão, General Robert F. Kennedy, tinham um imenso respeito por Taylor, a quem eles viam como um homem de integridade, sinceridade, inteligência e diplomacia inquestionáveis (UNITED STATES ARMY, [s.d.]).

outubro de 1962, Kennedy apontou Taylor como o Presidente de tal Comitê, posição que ele assumiu até 1964 (UNITED STATES ARMY, [s.d.]). Segundo CNN, Taylor se auto descreveu como “duplamente falcão do início ao fim”²³, pois argumentou por uma ação militar contra Cuba, de preferência uma invasão. (CNN..., [s.d.]).

Sendo assim, de 1965 a 1969 exerceu o cargo de consultor especial do presidente e Chefe do Quadro Consultivo de Inteligência; de 1966 a 1969 foi o presidente do Instituto de Análise de Defesa; e em 19/04/1987 morreu (HISTORY OF THE ARMY, [s.d.]). Seu posicionamento durante a Crise é que medidas “duras” e “severas” fossem tomadas contra os mísseis soviéticos. Como um bom general, Taylor era a favor de investidas militares em Cuba, defendendo principalmente uma invasão por terra.

6.1.4. Douglas C. Dillon (1909 a 2003) foi Secretário do Tesouro sob o governo do Presidente Kennedy e Presidente Johnson, bem como membro do ExComm. Dillon possuía ampla experiência em assuntos referentes à diplomacia nuclear, detendo conhecimentos acumulados pelos cargos assumidos como Embaixador da França e Subsecretário de Estado durante o governo de Eisenhower. (THINKQUEST, [s.d.])

Nos tempos em que vivia em Paris, Dillon encabeçou as transações com a França referentes a um programa de assistência nuclear no Vietnã. Estas foram rejeitadas pelos EUA. No ExComm, o secretário do Tesouro tinha pretensões de conceder um prazo de 72 horas entre a efetuação do bloqueio e o início do ataque aéreo. Dillon se opunha à resolução do conflito por meios diplomáticos sem antes a aplicação do uso da força, devido à perda de credibilidade que os EUA enfrentariam face ao desafio soviético, podendo gerar repercussões frente a suas alianças.

6.1.5. Robert Strange McNamara (1916 a ----) exerceu o cargo de Secretário de Defesa dos EUA de 1961 a 1968, quando deixou o cargo e se tornou o Presidente do Banco Mundial, de 1968 a 1981 (NUCLEAR FILES, [s.d.]).

²³ Two-fold hawk from start to finish.

Em 1961 ele aceitou o convite de Kennedy para ser Secretário de Defesa. Foi McNamara quem introduziu o conceito de “destruição assegurada” (NUCLEAR FILES, [s.d.]). Segundo a Nuclear Files,

Esta estratégia de dissuasão foi baseada na premissa de que, se um agressor lançasse um primeiro ataque nuclear sobre os EUA, ou sobre seus aliados, os EUA ainda teriam a capacidade de retaliação com armas nucleares suficientes para assegurar um ‘inaceitável grau de danos’ ao território agressor (NUCLEAR FILES, [s.d.], tradução nossa)²⁴.

De tal forma, a destruição assegurada requeria aos EUA o aumento e aceleração na produção de armas tecnológicas, para legitimar uma retaliação à URSS, ou seja, era enfatizada a necessidade de armas estratégicas e de defesa adequadas para deter ataques nucleares aos EUA e seus aliados, em detrimento da política anterior do New Look. Com o advento da crise dos mísseis, McNamara percebeu que muitos erros foram cometidos e por causa deles quase ocorreu uma guerra nuclear de âmbito mundial e extremamente perigosa (NUCLEAR FILES, [s.d.]). A partir daí, McNamara tornou-se um grande proponente na eliminação das armas nucleares (NUCLEAR FILES, [s.d.]).

Assim sendo, conforme CNN, McNamara foi um importante conselheiro de Kennedy na Crise dos Mísseis, sendo a “figura central para a evolução de uma estratégia nuclear nacional de ‘retaliação massiva’ para uma doutrina de ‘contra-força’ mais limitada” (CNN...PROFILE, [s.d.], tradução nossa)²⁵. Com isso, eles buscavam uma estratégia internacional mais estável. McNamara era inicialmente contra um ataque aéreo a Cuba, mas “ele enfatizou que um bloqueio deveria ser feito, como uma maneira de deixar as opções abertas” (CNN..., [s.d.], tradução nossa)²⁶.

6.1.6. George Wildman Ball (1909 a 1994) se formou em Direito em 1933. O presidente Kennedy o apontou como Assistente do Secretário de Estado para as relações econômicas em 1961 e, após o fracasso da Baía dos Porcos, Ball foi promovido a subsecretário de Estado (ANSWER..., [s.d.]). Com a entrada das tropas

²⁴ This deterrent strategy was based on the premise that, if an aggressor launched a nuclear first strike on the US or its allies, the US would still have the capability to retaliate with enough nuclear weapons to assure an "unacceptable degree of damage" to the aggressor's territory.

²⁵ Central figure in the evolution of the nation's nuclear strategy from "massive retaliation" to a more limited "counterforce" doctrine.

²⁶ He pressed for a blockade as a way to keep options open.

norte-americanas no combate ao Vietnã Ball afirmou que os EUA tinham pouca esperança de um eventual sucesso e que as forças militares estariam melhor empregadas na Europa (ANSWER..., [s.d.]). De tal forma, Ball preferia um bloqueio naval (CNN..., [s.d.]) e a todo tempo lembrava dos perigos de um comprometimento irreversível (THINKQUEST, [s.d.]). Era contra medidas severas, tais como um ataque aéreo ou uma invasão a Cuba.

6.1.7. Dean Rusk (1909 a 1994), como secretário de Estado, fez considerações, no decorrer dos debates, metódicas e lentas, tendo em vista sua constante busca pela prevenção referente à tomada de decisões precipitadas. Rusk desempenhava o papel de um diplomata cauteloso. Ele salientava a importância da relação dos EUA com seus 42 maiores aliados e acreditava que uma ação unilateral não seria um curso de ação viável.

O papel de Rusk no ExComm era freqüentemente visto como insignificante, até que algumas evidências provaram o contrário. Sua atuação demonstrou sua lealdade aos EUA e ao Presidente Kennedy.

Rusk se opunha à efetuação de um ataque aéreo devido à eventual escalada de conflito que tal curso de ação poderia gerar. Sendo assim, era favorável ao bloqueio e, de acordo com a reação dos soviéticos, a um possível ataque. A idéia da alteração do termo bloqueio para “quarentena” provém de Rusk; o primeiro termo poderia causar *imbróglis* apesar de ambos terem o mesmo fim. Sem a participação de Rusk, a resolução do conflito haveria de ter um caráter distinto.

6.1.8. John Alexander McCone (1902 a 1991) se formou na Universidade de Califórnia, Berkeley, em 1922, com uma especialização em Engenharia Mecânica. De 1958 a 1961 foi o presidente da Comissão de Energia Atômica dos EUA e de 1961 a 1965 o diretor da Agência Central de Inteligência (CIA).

No telegrama que ficou conhecido por Honeymoon Telegram (em alusão ao período de lua-de-mel que McCone passava quando o recebeu), ele categoricamente destacou a imobilidade da CIA diante da ciência de que a URSS estava desenvolvendo uma política armamentista em Cuba. Segundo Fowler (1991), ele foi o primeiro oficial

do governo a prever que a URSS iria colocar em ação um plano armamentício ofensivo em Cuba (FOWLER, 1991).

Tendo McCone sido chefe de Energia Atômica alguns anos antes, quando procurou alcançar um acordo com a URSS afim de que ela parasse de testar armas nucleares, o presidente Kennedy o chamou para ser Diretor da CIA (FOWLER, 1991). Conforme CNN, a cada encontro do ExComm McCone apresentava “uma atualização no *status* das bases de mísseis soviéticas em Cuba” (CNN..., [s.d.], tradução nossa)²⁷. Ademais, “ele defendeu uma postura de linha dura em direção à União Soviética durante toda a crise” (CNN..., [s.d.], tradução nossa)²⁸.

Apesar de que McCone era republicano, tinha total acesso ao e confiança do presidente, que, por sua vez, era democrata.

6.1.9. Roswell Gilpatric (1906 a 1996), Vice-Secretário de Defesa, foi notificado sobre a descoberta dos aviões de combate U-2 na noite do dia 15 de Outubro. Gilpatric representava o Departamento de Defesa junto ao Secretário de Defesa, John McNamara e o assistente Paul Nitze.

O Vice-Secretário de Defesa contava com um ataque aéreo surpresa a Cuba, e se opunha ao uso inicial de forças ilimitadas nesta estratégia. O bloqueio, para ele, era definido como uma aplicação de forças limitadas e então Gilpatric se questionava se esta poderia ser seguida de um ataque aéreo. Ele não tinha ambições de uma resolução pacífica do conflito com os soviéticos, tendo em vista que as bases em Cuba mantinham um eventual caráter ameaçador através da criação dos mísseis considerados ofensivos.

6.1.10. Llewellyn E. "Tommy" Thompson Jr. (1904-1972) entrou para as relações externas norte-americanas em 1928. De 1957 a 1962 e, depois, de 1967 a 1969, ocupou o cargo de embaixador dos EUA na URSS.

“Por causa de seus conhecimentos soviéticos e da aprovação russa da liquidação Trieste e do Tratado Austríaco, o presidente Dwight D. Eisenhower, nomeou

²⁷ An update on the status of the Soviet missile bases in Cuba.

²⁸ He advocated a hard-line stance toward the Soviet Union throughout the crisis.

Thompson a embaixador de Moscou em junho de 1957” (US EMBASSADOR, [s.d.], tradução nossa)²⁹. Ademais, “foi a mando do Thompson, que uma visita histórica (em 1959) aos EUA pelo Primeiro-Ministro soviético Nikita Krushev aconteceu” (US EMBASSADOR, [s.d.], tradução nossa)³⁰. A capacidade diplomática de Thompson foi extremamente importante para lidar com as relações soviético-americanas, pois,

Thompson preparou o caminho para o encontro entre Krushchev e de Eisenhower, em Paris, mas a conferência não se materializou após os soviéticos descobrirem que uma missão americano de reconhecimento U-2 sobre o seu território em 1960 (US EMBASSADOR, [s.d.], tradução nossa)³¹.

Thompson, que acabou vivendo, por causa de sua carreira, durante um bom período na URSS, conquistou a confiança de Krushev, pois o embaixador realmente trabalhou duro para manter a confidencialidade de suas discussões (US EMBASSADOR, [s.d.]). Apesar da estreita relação que se formou entre Krushev e Thompson, Kennedy também aprendeu a confiar nesse último, o qual foi o consultor do presidente nos assuntos soviéticos (US EMBASSADOR, [s.d.]).

Em 1962 Thompson, que estava em Moscou, voltou para Washington, onde recebeu o título da carreira de embaixador e ainda recebeu a “maior honraria que um civil pode obter do governo, quando Kennedy o presenteou com o prêmio de Ilustre Serviço Civil Federal” (US EMBASSADOR, [s.d.], tradução nossa)³². Após essa ocasião, Thompson “foi o responsável por aconselhar o presidente e o Secretário de Estado em todos os aspectos relacionados à URSS” (US EMBASSADOR, [s.d.], tradução nossa)³³.

Dessa maneira,

Thompson foi instrumental na resolução da crise dos mísseis de Cuba de 1962 como um residente perito em assuntos russos. Thompson deu ao Comitê Executivo do Conselho de Segurança Nacional a visão que poucas pessoas

²⁹ Because of his Soviet expertise and Russian approval of the Trieste settlement and the Austrian Treaty, President Dwight D. Eisenhower, named Thompson Ambassador to Moscow in June 1957.

³⁰ It was at Thompson's behest, that a historic visit (em 1959) to the U.S. by Soviet Premier Nikita Krushchev be initiated.

³¹ Thompson prepared the way for the summit meeting between Krushchev and Eisenhower, in Paris, but the conference failed to materialize after the Soviets discovered an American U-2 reconnaissance mission over their territory in 1960.

³² Highest honor a civilian can obtain from the government, when Kennedy gave him the President's Award for Distinguished Federal Civilian Service.

³³ He was responsible for advising the President and Secretary of State on all matters, relating to the Soviets.

poderiam dar, se é que existia alguém, da indisponibilidade de Krushev em assumir um risco nuclear (US EMBASSADOR, [s.d.], tradução nossa)³⁴.

6.1.11. McGeorge Bundy (1919 a 1996), por sua assistência positiva durante a campanha presidencial de John Kennedy, foi eleito Conselheiro de Segurança Nacional. Os irmãos Kennedy muito o admiravam devido ao grande trajeto que vinha percorrendo; o que não foi corroborado durante a sua atuação na Crise dos mísseis, apesar de alguns empecilhos.

Os cursos de ação adotados por Bundy e os assuntos propostos por ele não apresentavam uma constante coerência. Sua incoerência frustrava o Presidente, muito embora suas posições sempre fossem consideradas. Ademais, se os membros do ExComm pretendiam apresentar uma eventual resolução ao presidente, Bundy era o porta-voz.

O plano de um eventual ataque aéreo foi conduzido por Bundy e apresentado ao Presidente, sendo este denominado como *Bundy Plan*.

6.1.12. Ural Alexis Johnson (1908 –1997) se formou em 1931 e já no ano de 1935 começou a servir na política externa norte-americana. De tal forma, ele foi embaixador da Tchecoslováquia entre 1953 e 1958, da Tailândia entre 1958 a 1961 e do Japão entre 1966 a 1969.

Johnson foi um homem muito importante para a política dos EUA, como se percebe nas suas designações: de 1961 a 1964, foi Subsecretário Adjunto para os Assuntos Políticos e no Excomm; de 1964 a 1965, foi Vice-Embaixador do Vietnã; de 1965 a 1966, retornou ao cargo de Subsecretário Adjunto para os Assuntos Políticos; de 1969 a 1973, foi promovido a subsecretário de Estado para assuntos políticos; e de 1973 até 1977, quando se aposentou, liderou as conversações norte-americanas sobre a limitação das armas estratégicas.

³⁴ Thompson was instrumental in the resolution of the 1962 Cuban Missile Crisis as the resident Russian expert. Thompson gave the National Security Council Executive Committee the insight that few people, if any could have given, into Krushev's unwillingness to take on a nuclear risk.

6.1.13. Paul Nitze (1907-2004) foi assistente de Secretário de Defesa sob o regime do Presidente Kennedy e membro do ExComm. Nitze defendia o uso da força militar como curso de ação na resolução do conflito e acreditava na superioridade bélica convencional e nuclear dos EUA, fatores que assegurariam segundo ele, a vantagem americana. (THINKQUEST, [s.d])

O Presidente Kennedy encarrega Nitze na avaliação da retirada de mísseis da Itália e da Turquia, curso de ação considerado delicado pelo Assistente. Nitze temia uma demanda por parte dos soviéticos para a desnuclearização das áreas de influência da OTAN, portanto argumentava que os cursos de ação dos EUA deveriam ser direcionados a Cuba mais propriamente, que às bases militares americanas em outros estados.

6.1.14. Dean Gooderham Acheson (1893-1971) se formou em Direito e ocupou o cargo de Secretário de Estado dos EUA entre 1949 a 1953. Como um grande democrata, teve papel considerável em definir a política externa que os EUA viriam a tomar durante a Guerra Fria. Acheson era sobretudo a favor do bloqueio.

6.1.15. John McCloy (1895-1989) era Conselheiro Particular. Como membro da *US Arms Control and Disarmament Agency*, acreditava na vitalidade da quarentena (bloqueio), como mecanismo de coerção para que os Soviéticos aceitassem as condições americanas para a resolução do conflito. Durante a resolução no Conselho de Segurança da ONU, liderada pelo Embaixador Adlai Stevenson, McCloy foi encarregado seu assistente pelo Presidente.

6.1.16. Adlai Ewing Stevenson II (1900–1965) se graduou em direito pela Universidade de Princeton, em 1922. Já em 1960, Stevenson foi nomeado embaixador dos EUA na ONU, onde, mesmo discordando por motivos pessoais de algumas das ações de Kennedy, fez o possível para defender e apoiar a política estadunidense.

Foi ele quem realizou uma apresentação emergencial do Conselho de Segurança durante a Crise dos Mísseis. Nesse episódio, Stevenson formulou a famosa

frase “Não espere pela tradução, responda ‘sim’ ou ‘não!’”³⁵, após ter perguntado ao representante da URSS, Zorin, se o país estava instalando mísseis em Cuba. Como Zorin se recusou a responder à pergunta, Stevenson reagiu afirmando: “Estou preparado para esperar pela minha resposta até o inferno congele”³⁶. Stevenson então mostrou fotografias que provavam a existência de mísseis em Cuba, após o embaixador soviético ter dito que as mesmas não existiam.

Como embaixador da ONU, era a favor de negociações diplomáticas para a resolução da Crise.

6.1.17. Donald Wilson, como Diretor Representante da Agência de Informação dos EUA - USIA, Wilson requereu imagens aéreas das bases soviéticas de melhor qualidade para a distribuição junto ao órgão governamental. Tal curso de ação foi autorizado pelo Presidente Kennedy, inclusive ao uso das imagens utilizadas por Stevenson no Conselho de Segurança da ONU.

6.1.18. Edwin M. Martin (1908-2002), se formou em ciência política e em 1960 ocupou o cargo de Assistente do Secretário de Estado para assuntos Econômicos (JOHN F...[s.d.]).

Em 1961, Martin foi nomeado o chefe temporário da delegação norte-americana para o encontro, no Brasil, do Banco Interamericano. Assim, de 1962 a 1964, ele foi o Assistente do Secretário de Estado nos assuntos relacionados ao Banco Interamericano (JOHN F...[s.d.]). Tal cargo o possibilitou ajudar a administração de Kennedy nos assuntos voltados à América Latina, o que incluiu o episódio da Crise dos Mísseis de Cuba (JOHN F...[s.d.]). O mesmo compartilhava a opinião do Secretário de Estado, Dean Rusk, e era a favor do bloqueio.

6.1.19 - Charles Bohlen (1904 a 1974), ex-Embaixador dos EUA na União Soviética, desempenhava um papel fundamental na política externa dos EUA em relação à União Soviética. Foi um dos colaboradores do Plano Marshall. (U.S. DEPARTMENT...) No

³⁵ "Don't wait for the translation, answer 'yes' or 'no!'"

³⁶ "I am prepared to wait for my answer until Hell freezes over".

ExComm, afirmou que a URSS não tinha aspirações militares para a resolução do conflito, e se limitaria a medidas de reação política frente a ONU.

REFERÊNCIAS

ALLISON, Graham T.; ZELIKOW, Philip. **Essence of decision**: explaining the Cuban missile crisis. 2nd ed. New York: Longman, 1999.

AMERICAN PRESIDENT. **Lyndon Baines Johnson: Life before the presidency.** [s.d.]. Disponível em: <<http://millercenter.org/academic/americanpresident/lbjohnson/essays/biography/2>>. Acesso em: 01 de junho de 2008.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **História das Sociedades.** Rio de Janeiro: Editora ao livro técnico, 2003.

ARCANJO, Luciano. **Segunda Guerra Mundial.** 2005. Disponível em: <http://arcanjo_luciano.vilabol.uol.com.br/Guerra2.html> Acesso em: 01 de junho de 2008.

ANSWERS.COM. **US Military History Companion: George Ball.** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.answers.com/topic/george-ball>>. Acesso em: 02 de junho de 2008.

BOHNING, DON. **The Castro's Obsession.** Washington, DC. Potomac Books. 2005. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/csi-studies/studies/vol49no4/Castro_Obsession_10.htm> Acesso em: 23 de junho de 2008.

CNN COLD WAR. **Historic Documents: Executive Committee Meetings.** [s.d.]. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/SPECIALS/cold.war/episodes/10/documents/excomm/>>. Acesso em:

CNN COLD WAR PROFILE. **Robert Strange McNamara.** [s.d.]. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/SPECIALS/cold.war/kbank/profiles/mcnamara/>>. Acesso em:

DOLCE, Júlio. **Os Conceitos de Clausewitz aplicados aos estudos estratégicos do mundo contemporâneo.** Revista de ESG. Ano XIII. nº 36 (Revista da ESG Ano XIII, nº 36). Disponível em: <<http://www.esg.br/publicacoes/artigos/a042.html>> Acesso em: 02 de junho de 2008.

FEDERATION OF AMERICAN SCIENTISTS. **Cuban Missile Crisis Excomm Transcripts.** Disponível em: < http://ftp.fas.org/irp/imint/docs/excom_621012.htm>. Acesso em: 07 de junho de 2008.

FOWLER, Glenn. **John A. McCone, Head of C.I.A. In Cuban Missile Crisis, Dies at 89.** 1991. New York Times. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9D0CE2DD1F38F935A25751C0A967958260>>. Acesso em: 07 de junho de 2008.

GANSER, Daniele. **Há 40 anos, a crise dos mísseis.** 2002. Le Monde Diplomatique. Disponível em: < <http://diplo.uol.com.br/imprima488>> Acesso em: 23 de junho de 2005.

HISTORY OF THE ARMY. **Maxwell Davenport Taylor**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.history.army.mil/books/cg&csa/Taylor-MD.htm>>. Acesso em: 05 de junho de 2008.

HISTORY AND POLITICS OUT LOUD. (1997). **The Cuban Missile Crisis, October 18-29, 1962**. Disponível em: <<http://www.hpol.org/jfk/cuban/>>. Acesso em: 07 de junho de 2008.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: O breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOWELLS, Tim. **Kennedy and the Cold Warriors: The Case for a Big Conspiracy**. Kennedy Assassination Chronicles Vol 7, Issue 3 2001. Disponível em: <http://www.jfklancer.com/cuba/links/howell_northwoods.pdf> Acesso em: 23 de junho de 2008.

JOHN F. KENNEDY LIBRARY & MUSEUM. (1996). **The World On the Brink: John F. Kennedy and the Cuban Missile Crisis**. Disponível em: <http://www.jfklibrary.org/jfkl/cmcc/cmcc_excomm_meetings.html>. Acesso em: 07 de junho de 2008.

JOHN F. KENNEDY LIBRARY NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION. **Edwin M. Martin**. Disponível em: <http://www.jfklibrary.org/Historical+Resources/Archives/Archives+and+Manuscripts/fa_martin.htm>. Acesso em: 09 de junho de 2008.

JOHN F. KENNEDY PRESIDENTIAL LIBRARY & MUSEUM. (1996). John F. Kennedy. **The 35th President of the United States in Biographies and Profiles**. Disponível em: <<http://www.jfklibrary.org/Historical%20Resources/Biographies%20and%20Profiles/>> Acesso em: 23 de junho de 2008.

MUNHOZ, Sidnei. **Guerra Fria: um debate interpretativo** in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coordenador) O Século Sombrio: guerras e revoluções do século XX.. 2004. RJ. Elsevier.

NATIONAL Security Council. 2008. Disponível em: < <http://www.whitehouse.gov/nsc/>> Acesso em: 25 de junho de 2005.

NETTO, Fernando Del Prá. **As Conferências do Pós-Guerra**. 2007. Disponível em: < <http://geografando.autonomia.g12.br/arquivos/F13%20Guerra%20Fria.pdf>> Acesso em: 01 de junho de 2008.

NUCLEAR FILES. **Robert McNamara**. [s.d.]. Disponível em: < http://www.nuclearfiles.org/menu/library/biographies/bio_mcnamara-robert.htm>. Acesso em: 22 de junho de 2008.

OPEN VAULT. **Dear Mr. President: A Letter from Nikita Khrushchev.** 1986. Disponível em: <http://openvault.wgbh.org/wapina/barcode49188mcnamara1_4/index.html/>. Acesso em: 13 de junho de 2008.

PFISTER, Andrew. **Wakeup Call: Soviet Naval Policy and the Cuban Missile Crisis.** A Senior Honors Thesis. The Ohio State University, 2005. Disponível em: <<https://kb.osu.edu/dspace/bitstream/1811/290/1/AndrewPfister.pdf>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2007.

PRUITT, Dean G.; KIM, Sung Hee; RUBIN, Jeffrey Z. **Social Conflict: Escalation, Stalemate, and Settlement.** 2a.edição. New York: McGraw-Hill, 1994.

SCHELLING, Thomas C. **The strategy of conflict.** Cambridge: Harvard University, 1980.

TATU, Michel. **O poder político na URSS: De Krushev à atualidade.** Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1970.

THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE. **The Cuban Missile Crisis, 1962.** 1998. The George Washington University. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nsa/cuba_mis_cri/declass.htm> Acesso em: 08 de junho de 2008.

THINKQUEST: LIBRARY. (1997). **Kennedy's Advisors: The Executive Committee.** Disponível em: <<http://library.thinkquest.org/11046/people/ex-comm.html>>. Acesso em: 05 de jun. 2008.

TSEBELIS, George. "*Jogos ocultos e racionalidade*". In: **Jogos ocultos: Escolha racional no campo da política comparada.** São Paulo: Edusp, 1998.

UNITED STATES ARMY. **Maxwell Davenport Taylor.** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.arlingtoncemetery.net/mdtaylor.htm>>. Acesso em: 22 de junho de 2008.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. **Charles E. Bohlen.** s.d. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/ei/rls/stamps/67018.htm#>> Acesso em: 15 de junho de 2008.

US EMBASSADOR. **Llewellyn Thompson.** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Heartland/Plains/4897/ambassador.html?20064>>. Acesso em: 13 de junho de 2008.

VEJA. **Crise dos Mísseis.** Especial. Veja na história. 1962. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/crise-dos-misseis/especial-capa-eua-urss.shtml>> Acesso em: 15 de junho de 2008.

